



DECOMTEC
DEPARTAMENTO DE
COMPETITIVIDADE E TECNOLOGIA

PESQUISA FIESP DE INTENÇÃO DE INVESTIMENTO 2016

Equipe Técnica

Maio de 2016

Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP**PRESIDENTE**

Paulo Skaf

Departamento de Competitividade e Tecnologia – DECOMTEC**DIRETOR TITULAR**

José Ricardo Roriz Coelho

DIRETORES

Pierangelo Rossetti (Titular Adjunto)

Cassio Jordão Motta Vecchiatti

Cláudio Grineberg

Cláudio Sidnei Moura

Denis Perez Martins

Eduardo Berkovitz Ferreira

Eduardo Camillo Pachikoski

Elias Miguel Haddad

Emerson Rocco (Representante do CJE)

Fernando Bueno

Francisco Florindo Sanz Esteban

Jorge Eduardo Suplicy Funaro

Luiz Carlos Tripodo

Manoel Canosa Miguez

Marcelo José Medela

Marco Aurélio Militelli

Mario William Esper

Mauricio Marcondes Dias de Almeida

Olívio Manuel de Souza Ávila

Paulo Henrique Rangel Teixeira

Rafael Cervone Netto

Robert Willian Velásquez Salvador
(Representante do CJE)

Ronaldo da Rocha

Tarsis Amoroso

Walter Bartels

EQUIPE TÉCNICA**GERENTE**

Renato Corona Fernandes

EQUIPE TÉCNICA

Adriano Giacomini Morais

Albino Fernando Colantuono

André Kalup Vasconcelos

Caio de Paiva Garzeri

Célia Regina Murad

Débora Bellucci Módolo

Érica Marques Mendonça

Fernando Momesso Pelai

Juliana de Souza

Luis Menon José

Paulo Sergio Pereira da Rocha

Silas Lozano Paz

ESTAGIÁRIO

Caio de Souza Pinto Paoliello

APOIO

Maria Cristina Bhering Monteiro Flores

Sumário Executivo

As projeções para o investimento em 2016 reforçam a gravidade da crise econômica atual, uma das piores da história brasileira. O investimento fixo da indústria de transformação, ou seja, em máquinas, equipamentos e instalações, deverá despencar 50,4% em 2016.

Se o investimento industrial já enfrentava um ambiente hostil decorrente do elevado Custo Brasil e do câmbio sobrevalorizado por anos seguidos; em 2016, o ambiente é ainda mais desafiador à produção industrial e seu investimento, pois o setor é obrigado a lidar com dificuldades advindas do segundo ano consecutivo de recessão econômica, crise de confiança, desequilíbrio fiscal, instabilidade e crise política.

Nesse contexto, o investimento industrial será mais defensivo em 2016, focado na redução de custos e no aumento da eficiência produtiva. A predominância do investimento defensivo em relação ao expansivo não é exclusividade deste ano, pois essa tem sido a estratégia do empresariado diante dos problemas estruturais do Brasil. Contudo, a baixa propensão do empresário industrial em investir e a qualidade do seu investimento se agravam neste ano, sacrificando a capacidade de crescimento da indústria e dificultando ainda mais a recuperação do crescimento econômico.

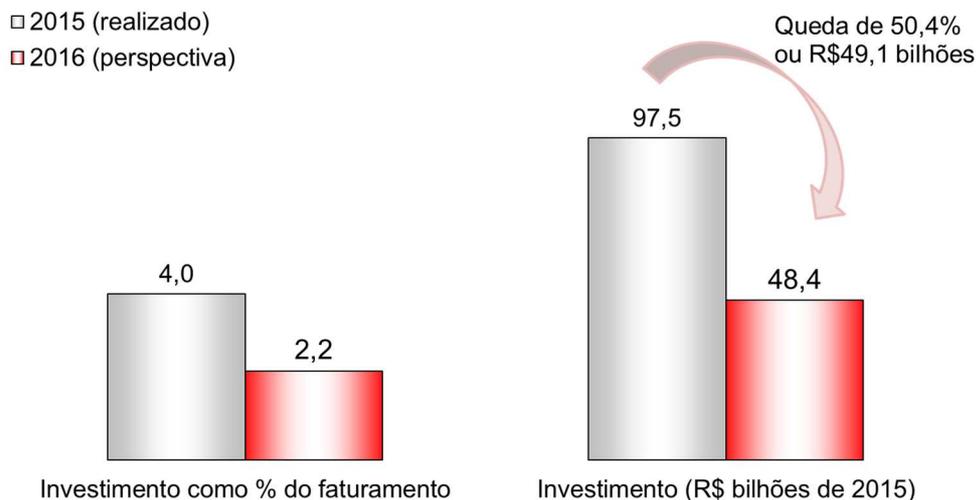
Para a obtenção desses resultados, foram entrevistadas 1.120 empresas – 534 pequenas, 405 médias e 181 grandes empresas – entre os dias 14 de março e 22 de abril de 2016, envolvendo toda a indústria de transformação, exceto fabricação de coque e produtos derivados do petróleo e expandiu-se os resultados pela Pesquisa Industrial Anual (PIA/IBGE) que permite a análise nacional. Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas antes da votação do impeachment.

Na Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2016 destacam-se que:

- Enquanto o número de empresas industriais que declaram não ter realizado investimento em máquinas, equipamentos e instalações em 2015 foi de 56,6%, a perspectiva em relação ao número de empresas que não devem investir em 2016 sobe para 73,2%.
- O investimento médio das empresas em máquinas, equipamentos e instalações como parcela do faturamento deve cair de 4,0% do seu faturamento em 2015 para 2,2% em 2016.

- Dessa forma, o investimento em máquinas, equipamentos e instalações das empresas industriais deve recuar 50,4%, passando de R\$ 97,5 bilhões em 2015 para R\$ 48,4 bilhões em 2016.

Intenção de Investimento de empresas industriais em máquinas, equipamentos e instalações



* Indústria de transformação, exceto fabricação de coque e produtos derivados do petróleo.
 Fonte: Pesquisa FIESP - Ideia Inteligência; Elaboração: Decomtec/FIESP.

- Isso demonstra que o investimento fixo da indústria de transformação buscará uma estratégia defensiva, característica de períodos recessivos em que o empresariado é obrigado a reduzir custos e aumentar a produtividade para se manter no mercado mesmo diante da retração de demanda.
- O ambiente econômico é desfavorável não somente para a indústria de transformação como também para o investimento total da economia. A taxa de investimento da economia deverá se reduzir, passando de 18,2% em 2015 para aproximadamente 17,0%¹, em 2016.
- Em 2016, os recursos próprios continuam como a principal fonte de recursos para o investimento fixo. Vale ressaltar que a origem dos recursos nunca esteve tão concentrada nos recursos próprios como em 2015 (76%) e 2016 (74%). Segundo o histórico desta Pesquisa, o percentual médio é de 64%. Isso demonstra as dificuldades de *funding* para investimento em tempos de crise.
- A redução de custos ganha importância na estratégia do empresariado e é apontada como o principal objetivo do investimento em 2016, seguida pelo aumento da eficiência produtiva e pelo aumento do faturamento e/ou rentabilidade. Isso demonstra o esforço do

¹ A partir das estimativas do Depecon/FIESP.

empresariado para reduzir o impacto negativo de uma nova queda da produção industrial em 2016, haja vista o resultado negativo de dois anos seguidos.

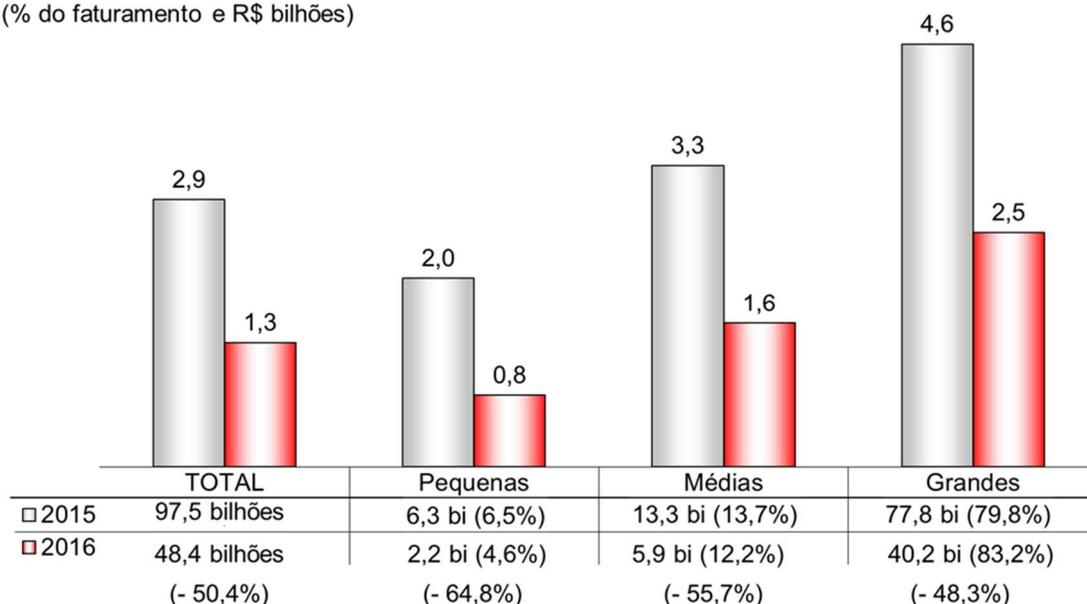
- A importância da redução de custos como objetivo do investimento industrial tem crescido sistematicamente a cada ano desde 2014 e, em 2016, essa tendência se acentua ainda mais devido à crise econômica. Vale ressaltar que desde 2011 os empresários apontam a redução de custos como o principal objetivo do investimento na Pesquisa Fiesp. Isso demonstra que mesmo em anos de crescimento econômico positivo, o investimento industrial brasileiro dos últimos anos tem sido predominantemente defensivo e pouco expansivo devido a problemas estruturais como o Custo Brasil e os anos seguidos de câmbio sobrevalorizado.
- No ano passado chamou atenção o ganho de importância da melhoria em processos como necessidade do investimento e neste ano, sua importância cresce novamente. Isso evidencia a deterioração das perspectivas de demanda, em que o empresário não vislumbra uma melhora no curto prazo e busca ajustar os processos internos da empresa a fim de reduzir os custos de produção e melhorar a produtividade. A substituição de máquinas e equipamentos obsoletos também contribui para esses objetivos e é apontada como segunda necessidade mais importante.
- Apesar de a aquisição de máquinas e equipamentos para ampliação da capacidade continuar como uma das principais necessidades do investimento em 2016, sua importância relativa caiu na percepção do empresário, como reflexo do ambiente econômico desafiador.
- A elevada carga tributária, que costuma ser apontada como o principal limitante ao investimento, perde importância em 2016, caindo para a segunda posição e sendo ultrapassada pela importância do baixo crescimento econômico como barreira ao investimento. Nem em 2009, quando a perspectiva de crescimento da economia era baixa devido à crise internacional, o empresariado deu tanta importância a esse item como barreira ao investimento. Isso evidencia a gravidade da retração econômica na percepção dos empresários, que chega a se sobressair em relação ao histórico entrave dos tributos. A retração de 3,8% esperada para a economia brasileira em 2016 reduz o investimento industrial pois a indústria projeta um cenário de queda de demanda e espera baixo retorno.
- Nesse sentido, a expectativa de baixa rentabilidade continua como terceiro principal limitante ao investimento. Isso ocorre porque o investimento na indústria de transformação não tem superado a rentabilidade de aplicações financeiras mais conservadoras, cujos

riscos são mais baixos. Com a taxa de juros (SELIC) mais alta, o diferencial de retorno do investimento industrial frente a esses investimentos financeiros se amplia. Em 2014, o retorno estimado da indústria de transformação correspondeu a 20% do retorno médio dessas aplicações financeiras (CDI).

- A baixa rentabilidade do investimento industrial, na verdade, é um problema estrutural do Brasil. Esta tem representado, em média, 51% do retorno do investimento em renda fixa (2011 a 2014). A elevada taxa de juros da economia (SELIC) é um fator que contribui para esse problema e, por isso, também costuma ser apontada como importante limitante ao investimento pelo empresariado, crescendo sua relevância em 2016.
- Em consequência, o aumento do crescimento do PIB e a redução da carga tributária são apontados como os principais fatores econômicos que poderiam contribuir para as empresas ampliarem os investimentos. Quanto aos fatores específicos ao investimento, a desoneração do ICMS do investimento e a ampliação dos incentivos fiscais para o investimento são vistas como fatores de maior importância para estimular as inversões.
- Na análise da intenção de investimento por porte, as empresas de pequeno porte serão as que mais deverão reduzir suas inversões (64,8%), seguidas das empresas de médio porte (55,7%) e por último, pelas grandes empresas (48,3%). A redução total do investimento em capital fixo, porém, será explicada em maior parte pela queda do montante investido pelas grandes empresas, dada sua maior participação no investimento.

Investimento médio em capital fixo por porte de empresa

Investimento em máquinas, equipamentos e instalações
(% do faturamento e R\$ bilhões)



Fonte: Pesquisa FIESP-Ideia Inteligência; Elaboração: Decomtec/FIESP.

- Além disso, destacam-se diferenças entre os portes quanto às estratégias e necessidades de investimento. Para as pequenas empresas (que representavam 6,5% do investimento da indústria de transformação em 2015) a estratégia defensiva centrada na redução de custos é a mais importante, mas não suficiente em um ambiente desafiador como da recessão atual. Sua percepção é de que necessitam inovar seus produtos e processos para melhorar seu faturamento e a rentabilidade de seu investimento.
- As médias empresas (que representavam 13,7% do investimento da indústria de transformação em 2015) priorizam a melhoria nos processos internos como forma de reduzir custos, ampliar a produtividade e resistir ao mercado em crise, mas também reconhecem a importância de investir na inovação de produtos e na aquisição de máquinas e equipamentos para aumentar o faturamento.
- Finalmente, as grandes empresas (que representavam 79,8% do investimento da indústria de transformação em 2015) serão as principais responsáveis pela queda do investimento em máquinas, equipamentos e instalações dado seu elevado peso na estrutura industrial. Diante da perspectiva de queda na demanda em razão do ambiente econômico recessivo, a estratégia das grandes empresas estará focada na redução de custos e da melhora na produtividade, o que deve se dar principalmente por meio da melhoria em processos, mas também pela substituição e aquisição de máquinas e equipamentos. O crescimento econômico é a principal preocupação desse porte desde o ano passado.
- Portanto, se o investimento industrial já enfrentava um ambiente hostil decorrente do elevado Custo Brasil e do câmbio sobrevalorizado por anos seguidos, o agravamento da crise econômica e política deste ano contribuem para as expectativas se tornarem mais pessimistas. Isso explica porque poucas empresas pretendem realizar investimentos em 2016. Como visto anteriormente, somente 27% dos entrevistados devem investir em 2016. Além disso, compreende-se porque as estratégias do empresariado se mantêm defensivas e estão voltadas especialmente para a redução de custos.
- Dessa forma, se o país pretende voltar a crescer de forma sustentável, ou seja, pela via do investimento, é necessário reduzir os custos de produção que minam a competitividade da indústria brasileira. Isso somente será possível por meio de reformas que solucionem os problemas estruturais do Brasil, mas antes disso é preciso estabelecer uma agenda de curto prazo para saída da crise econômica e melhora da expectativas.
- Nesse sentido, é urgente que o governo aponte para a solução do desequilíbrio fiscal. Reequilibrar o orçamento é condição fundamental para recuperar a confiança das famílias

e empresas na viabilidade da economia brasileira, permitindo retomar o crescimento econômico e o emprego. No médio prazo, o governo precisa encaminhar reformas que equilibrem suas despesas e receitas, lançando as bases para implementar mudanças capazes de reduzir o Custo Brasil e manter o câmbio em patamar competitivo.

Sumário

Sumário Executivo	3
Apresentação	10
1. Cenário econômico e reação das empresas	12
1.1. Evolução recente dos Investimentos	12
1.2. Intenção de Investimento em 2016	13
1.3. Origem dos Recursos para Investimento	15
2. Estratégia de investimento das empresas	17
3. Análise por porte	26
3.1. Intenção de Investimento em 2016	26
3.2. Origem dos Recursos para Investimento	27
3.3. Estratégia das empresas por porte	27
3.3.1. Pequenas Empresas	28
3.3.2. Médias Empresas	30
3.3.3. Grandes Empresas	32

Apresentação

A crise econômica atual é uma das mais graves da história do país. No triênio de 2014 a 2016, o recuo do PIB deve ser de 7,4%, o mais profundo dos últimos 115 anos. Em 2014, a economia ficou estagnada, em 2015, registrou uma queda de 3,8%, e em 2016, projeta-se uma retração de mesma magnitude. Conseqüentemente, estima-se que o PIB per capita, seja de R\$ 30.314, o menor valor desde 2009 (em R\$ de 2016).

A queda do investimento nesse triênio deve ser ainda mais acentuada do que a queda do PIB. No triênio de 2014 a 2016, o investimento total da economia deve acumular uma queda de 25,7%. Somente no ano passado a formação bruta de capital fixo despencou 14,1%, pior resultado desde o início da série histórica em 1996.

Dentre os setores de atividade econômica, a indústria de transformação foi o setor que sofreu maior queda do PIB em 2015, com retração de 9,7%. Muitas empresas realizaram demissões e encerraram atividades total ou parcialmente, de modo que a produção industrial chegou a cair 9,9% em 2015.

No Brasil, a taxa de investimento já é baixa em relação aos países que concorremos², e está se reduzindo ainda mais. **Nos últimos anos, a estratégia da indústria tem se focado sistematicamente nos investimentos defensivos, dando menor importância à modernização e expansão do parque industrial. Em consequência, amplia-se o diferencial de produtividade entre o Brasil e seus competidores, sacrifica-se a capacidade de crescimento da indústria, intensifica-se o processo de desindustrialização e compromete-se a expansão de longo prazo da economia.**

Isso se deve principalmente a problemas estruturais que se sintetizam na combinação do elevado Custo Brasil – composto pela elevada e complexa carga tributária, elevadas taxas de juros para capital de giro, infraestrutura logística defasada e deficiente, alto custo da energia elétrica e das principais matérias-primas, elevada burocracia – e do câmbio que se manteve sobrevalorizado por anos seguidos.

² No Brasil, a taxa de investimento já é baixa em relação aos países que concorremos, e está se reduzindo mais. Tendo como base o período de 2005 a 2014, a taxa de investimento média (FBCF) do Brasil foi de 19,4% do PIB enquanto nos países que concorremos (por exemplo, os demais BRICS) a taxa de investimento média foi de 30,9% (média de Rússia, Índia, China e África do Sul), segundo Banco Mundial.

Neste ano, além desses problemas estruturais há um ambiente extremamente desafiador à produção industrial e seu investimento, pois o setor é obrigado a superar as dificuldades advindas do segundo ano consecutivo de recessão econômica, crise de confiança, desequilíbrio fiscal, instabilidade e crise política.

A necessidade de a economia brasileira voltar a crescer juntamente com sua produção industrial coloca em evidência a importância de recuperar e estimular as inversões. O investimento é uma variável chave no crescimento sustentado de uma economia, pois amplia a demanda no curto prazo ao mesmo tempo em que cria capacidade produtiva, permitindo que se atinja uma maior taxa de expansão sem pressões inflacionárias futuras.

Nesse sentido, a análise da intenção de investimento da indústria de transformação é fundamental para que estratégias de recuperação do investimento industrial e de crescimento do país sejam planejadas. Buscando auxiliar no planejamento das empresas e das políticas de Estado, a FIESP realiza anualmente a Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento, que avalia a intenção de investimento das empresas da indústria de transformação, além da fonte dos recursos utilizados para inversão e dos objetivos e limitantes do investimento.

Neste ano, a pesquisa de campo foi realizada pela empresa Ideia Inteligência, que entrevistou 1.120 empresas industriais³ entre os dias 14 de março e 22 de abril de 2016, envolvendo todos setores da indústria de transformação, exceto fabricação de coque e produtos derivados do petróleo. Em termos de porte, foram entrevistadas 534 pequenas, 405 médias e 181 grandes empresas. **Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas antes da votação do impeachment.**

A Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2016 será apresentada em três capítulos. Inicialmente serão apresentados um quadro geral dos investimentos recentes da economia brasileira, a intenção de investimento da indústria de transformação em máquinas, equipamentos e instalações e a origem dos recursos. No segundo capítulo serão apresentadas e avaliadas as estratégias empresariais de investimento em 2016 em comparação com as estratégias de 2015. Por fim, no terceiro capítulo, será analisada a intenção de investimento por porte das empresas (pequenas, médias e grandes), destacando a estratégia de investimento nas diferentes estruturas industriais.

³ As entrevistas foram realizadas com empresas do Estado de São Paulo e os resultados foram expandidos pela Pesquisa Industrial Anual (PIA/IBGE) a fim de permitir análise nacional.

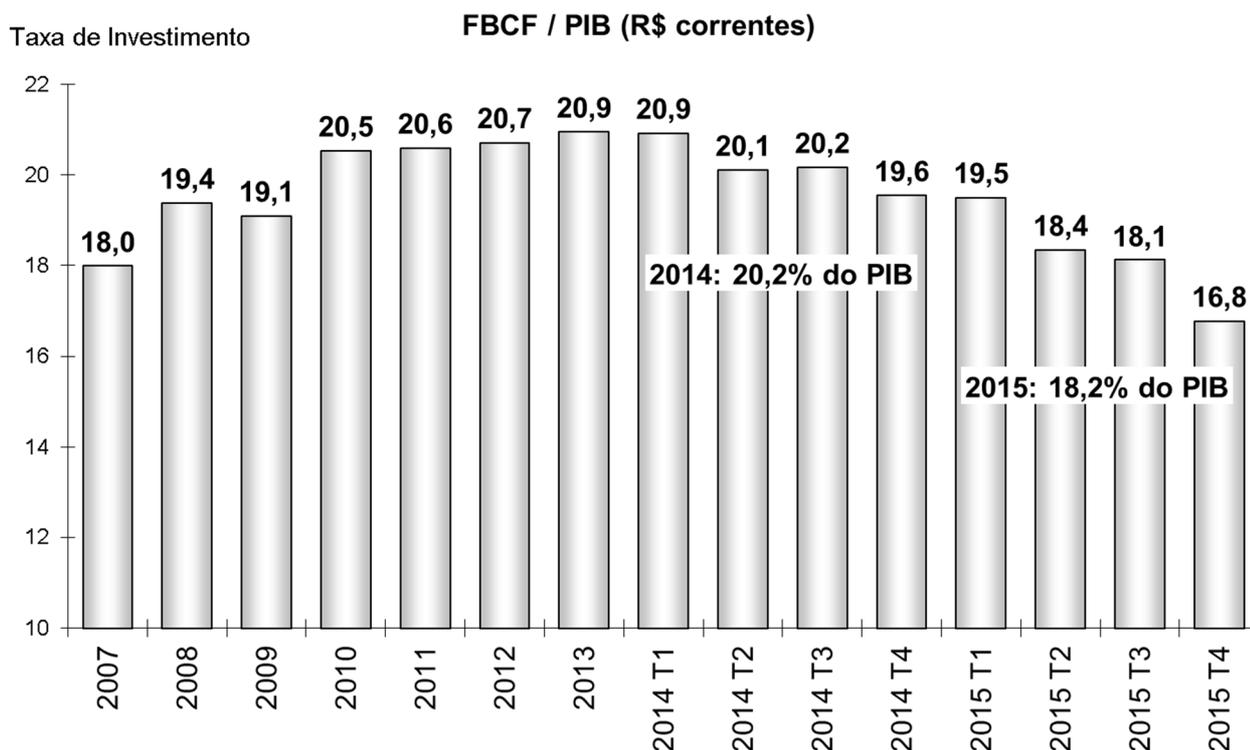
1. Cenário econômico e reação das empresas

1.1. Evolução recente dos Investimentos

Em 2015, a queda do investimento superou a queda do PIB e como consequência a taxa de investimento (FBCF) caiu 2 p.p, passando de 20,2% do PIB em 2014 para 18,2% em 2015. Essa foi a segunda vez que o país experimentou uma queda da taxa de investimento desde a crise internacional de 2009, pois em 2014 também houve redução da taxa de investimento, em 0,7 p.p.

Conforme se pode verificar no gráfico abaixo, o patamar alcançado pela taxa de investimento em 2015 é o menor desde 2007. E no último trimestre de 2015, que sazonalmente é um período de queda da taxa de investimento, a FBCF alcançou 16,8% do PIB. Para 2016 estima-se uma nova queda da taxa de investimento da economia, que deve ficar em torno de 17,0%.⁴

Gráfico 1 – Formação Bruta de Capital Fixo (% do PIB) – 2007-2015



Fonte: SCN/IBGE. Elaboração: Decomtec/FIESP

A queda do investimento traz dois problemas para a economia brasileira. Em primeiro lugar, o menor investimento implica em menor crescimento no curto prazo pois a economia passa a depender essencialmente do consumo para se expandir. Em segundo lugar, o menor

⁴ A partir das estimativas do Depecon/FIESP.

investimento significa abrir mão de um crescimento futuro sem pressões inflacionárias, ou seja, cria-se uma situação em que, diante da falta de investimentos atualmente, compromete-se a expansão de longo prazo da economia brasileira.

Como o principal componente do investimento industrial é o investimento em máquinas, equipamentos e instalações, esta Pesquisa se deterá à análise deste componente. Com efeito, é este que é capaz de garantir a modernização e ampliação do parque produtivo nacional.

Tanto por garantir a expansão da demanda, em função do elevado encadeamento setorial que o setor de bens de capital apresenta, quanto por garantir a oferta futura e, portanto, a expansão econômica sustentada de longo prazo, é fundamental que o investimento seja estimulado e volte a apresentar uma trajetória de crescimento. Somente com a expansão do investimento é que serão garantidas elevadas taxas de crescimento nos próximos anos. Para isso, porém, o governo necessita recuperar a confiança de empresários e consumidores e encaminhar reformas que solucionem os problemas estruturais do país, garantindo um ambiente econômico mais propício ao investimento.

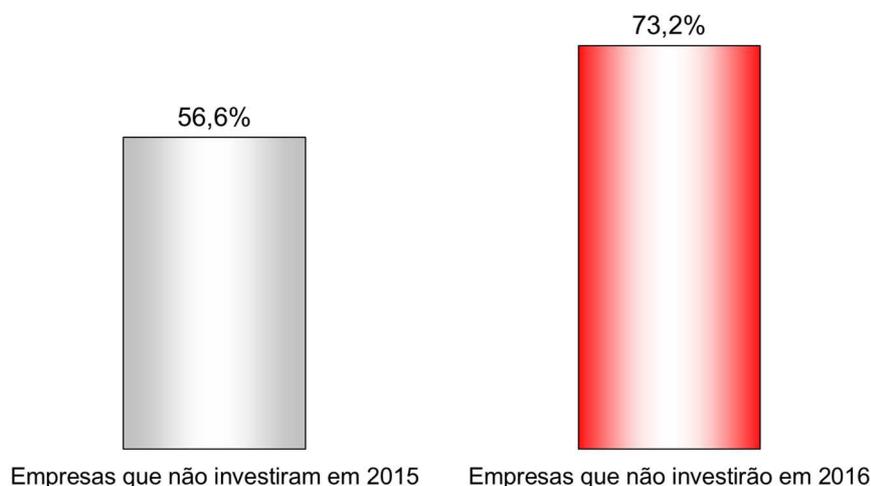
1.2. Intenção de Investimento em 2016

Segundo o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI, o ICEI médio de 2016 (janeiro a abril) atinge o menor valor dos últimos 10 anos, 36,8 pontos, abaixo da média do ano passado, de 38,0 pontos e muito distante da média histórica (período de 2007 a 2014) de 56,7 pontos.

Como reflexo da baixa confiança do empresário no ano passado, a Pesquisa Fiesp previu queda de 38,0% nos investimentos em máquinas, equipamentos e instalações em 2015. Neste ano, como a crise econômica se mostrou mais grave do que se pensava e a instabilidade política se acentuou, é de se esperar que as empresas industriais tenham uma reação mais negativa em sua intenção de investir em 2016. **Vale lembrar que as entrevistas foram realizadas antes da votação do impeachment.**

De acordo com a Pesquisa FIESP, enquanto o número de empresas industriais que declaram não ter realizado qualquer investimento em máquinas, equipamentos e instalações em 2015 foi de 56,6%, o número de empresas que declaram que não devem investir em 2016 salta para 73,2%, conforme o gráfico:

Gráfico 2 – Empresas industriais* que não pretendem investir em máquinas, equipamentos e instalações em 2016



* Indústria de transformação, exceto fabricação de coque e produtos derivados do petróleo.
Fonte: Pesquisa FIESP - Ideia Inteligência; Elaboração: Decomtec/FIESP.

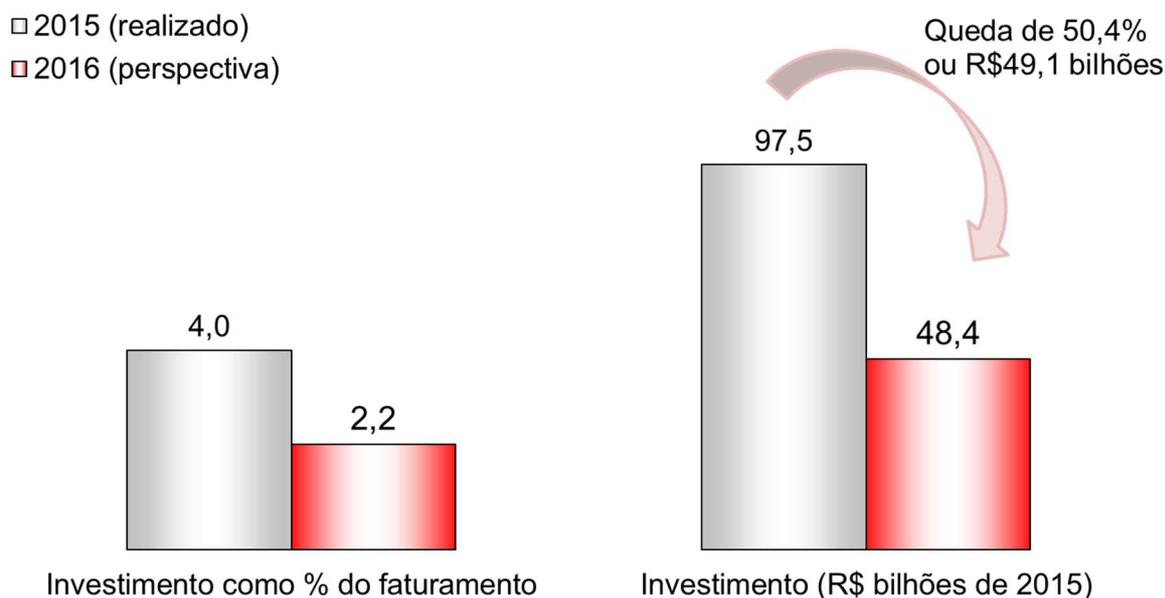
Paralelamente, o investimento médio das empresas como parcela do faturamento⁵ também deve se reduzir: se em 2015 as empresas investiam 4,0% do seu faturamento; em 2016, o investimento se reduzirá para 2,2%.

Não por acaso, a partir de estimativas⁶ do faturamento industrial, pode se inferir que o investimentos máquinas, equipamentos e instalações das empresas industriais deve recuar 50,4%, passando de R\$ 97,5 bilhões em 2015 para R\$ 48,4 bilhões em 2016, conforme apresentado no gráfico abaixo:

⁵ O cálculo do investimento como parcela do faturamento foi calculado com base na ponderação do investimento como parcela do faturamento por porte, respeitando a proporção de faturamento por porte da PIA 2013, do IBGE.

⁶ O Faturamento de 2015 foi calculado com base na PIA 2013, do IBGE, atualizando-se pelo IPP da indústria de transformação, do IBGE, e pela PIM-PF, também do IBGE. Para 2016, assumiu-se um decréscimo da produção industrial de 6,8%, conforme estimativa do Depecon/FIESP.

Gráfico 3 – Investimento das empresas industriais* em máquinas, equipamentos e instalações (% do faturamento e R\$ bilhões de 2015) – 2015 x 2016



* Indústria de transformação, exceto fabricação de coque e produtos derivados do petróleo.
Fonte: Pesquisa FIESP - Ideia Inteligência; Elaboração: Decomtec/FIESP.

Portanto, em 2016 deve ocorrer uma importante queda do investimento em capital fixo da indústria de transformação. **Os investimentos em máquinas, equipamentos e instalações deverão ser R\$ 49,1 bilhões menores em 2016 do que foram em 2015, o que significa uma retração de 50,4%, em resposta ao quadro econômico recessivo. As perspectivas para esse ano são mais pessimistas que no ano passado, quando havia expectativa de o investimento nessa categoria cair 38% . Isso reflete não só agravamento dos efeitos da crise econômica, como também a ampliação das incertezas políticas que contribuem para a baixa propensão a investir do empresário.**

1.3. Origem dos Recursos para Investimento

Apesar da baixa proporção de empresas que pretendem realizar investimentos em 2016, vale notar que o capital próprio da empresa continua sendo o principal *funding* dos investimentos. Em 2015, 75,8% do investimento foi realizado com recursos próprios, enquanto os recursos privados de terceiros representaram 14,2% e os recursos públicos, 10,0%. Em 2016, os recursos próprios devem reduzir ligeiramente a participação no total do *funding* das empresas, indo para 73,9%, mas continuando como a principal fonte.

A demanda por recursos privados de terceiros para financiar os investimento em capital fixo deve praticamente manter sua participação, de 14,2% em 2015 para 13,8% em 2016, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 – Origem dos Recursos para investimento em máquinas, equipamentos e instalações

	Próprio		Privado		Público	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016
(R\$ bilhões de 2015)	73,8	35,7	13,9	6,7	9,7	6,0
(% do investimento)	75,8%	73,9%	14,2%	13,8%	10,0%	12,4%

Fonte: Pesquisa Fiesp - Ideia Inteligência; Elaboração: Decomtec/FIESP.

A demanda por recursos públicos, por sua vez, deve aumentar ligeiramente sua participação de 10,0% do investimento para 12,4%. Assim, a demanda por financiamento público deve ganhar importância relativamente aos recursos privados de terceiros, a despeito da redução da oferta de recursos públicos compatível com o ajuste fiscal.

Vale ressaltar que a origem dos recursos para investimento em máquinas, equipamentos e instalações nunca esteve tão concentrada nos recursos próprios como em 2015 (76%) e 2016 (74%). Segundo o histórico desta Pesquisa, o percentual médio é de 64%. Isso demonstra as dificuldades de *funding* para investimento em tempos de crise.

Alguns ajustes nas operações do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) como o aumento da taxa de juros de longo prazo (TJLP) e o fim do Programa de Sustentação do Investimento (PSI) – que financiava bens de capital a taxas fixas – reforçam a tendência de queda na demanda de recursos públicos em termos monetários como apontado pela Pesquisa. Nos últimos 12 meses, o número de consultas ao BNDES do setor de máquinas e equipamentos⁷ caiu 35%. Além disso, a oferta de recursos públicos também se torna mais escassa, como parte da estratégia do governo de reduzir o repasse do Tesouro ao BNDES, diante da necessidade de fazer ajustes fiscais.

⁷ CNAEs 26,27 e 28.

2. Estratégia de investimento das empresas

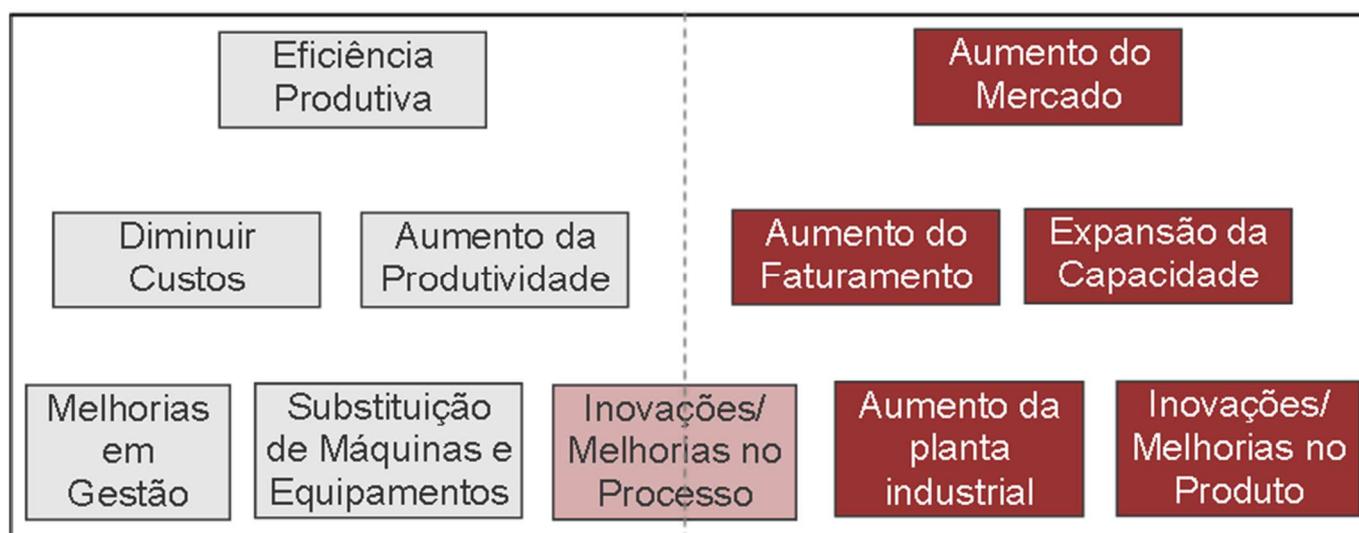
A análise das estratégias de investimento das empresas é relevante para definição das políticas a serem adotadas quando se pretende incentivar os investimentos e criar condições para que a economia apresente uma trajetória de expansão sustentável no longo prazo.

Com o objetivo de analisá-las e verificar quais são as principais restrições ao investimento, evidenciando quais as principais diferenças entre o investimento realizado em 2015 e a intenção para 2016, a Pesquisa FIESP questionou o empresariado sobre os objetivos, as necessidades e os limitantes do investimento, além dos fatores que contribuiriam para alavancá-lo.

Destacam-se, para a indústria nacional, duas estruturas básicas de estratégias distintas que marcam a intenção de investir das empresas industriais: uma voltada para eficiência produtiva, na qual a redução de custos e o aumento da produtividade são principais objetivos; e outra voltada para expansão do mercado, na qual os principais objetivos são o aumento do faturamento e da expansão da capacidade.

A estratégia voltada para a eficiência produtiva depende de melhorias em gestão e da substituição de máquinas e equipamentos obsoletos, enquanto que a estratégia voltada para o aumento do mercado depende especialmente de inovações e melhorias nos produtos e do aumento da planta industrial:

Gráfico 4 – Estrutura das estratégias



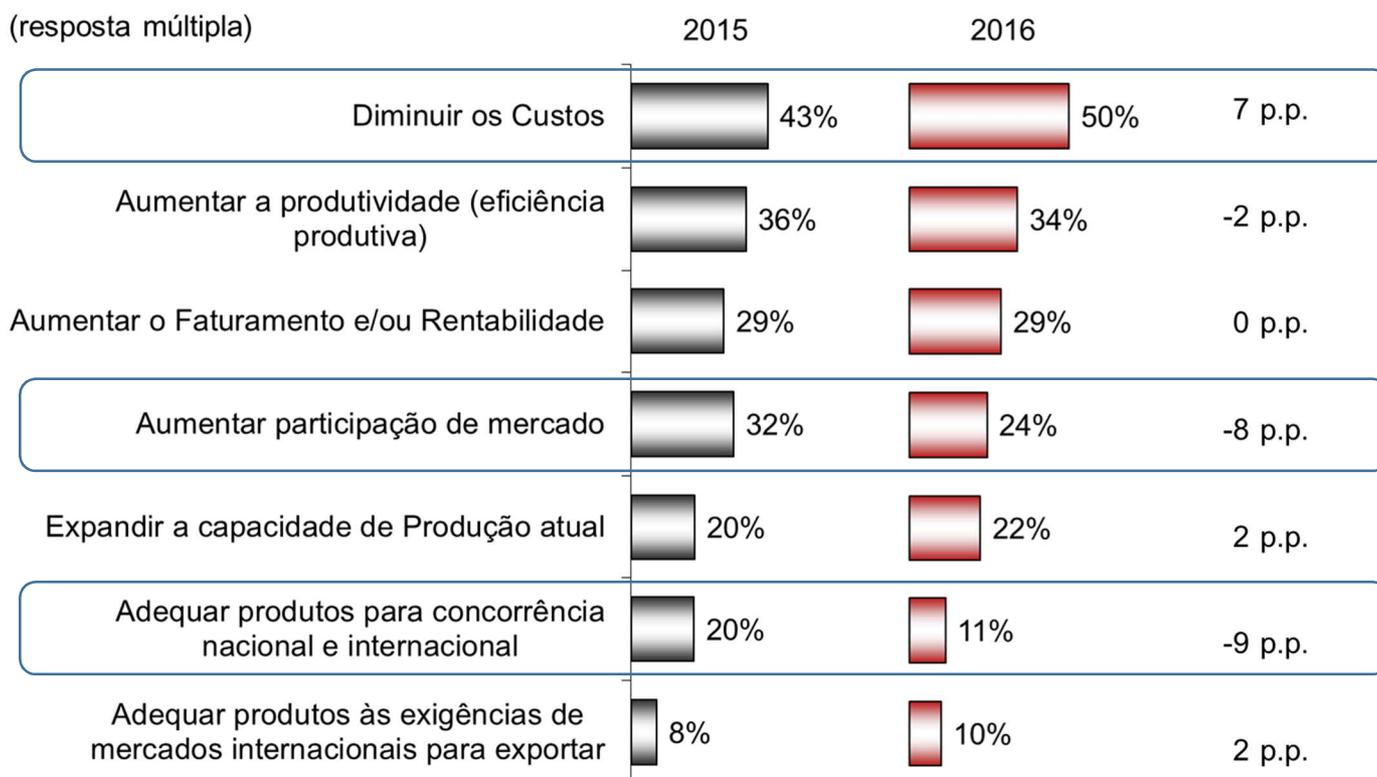
Como era de se esperar, a estratégia de investimento em 2016 se apresenta ainda mais defensiva do que no ano passado. Diante da expectativa de baixa demanda em meio ao segundo ano consecutivo de queda acentuada do PIB, o empresário direciona o investimento principalmente para a redução de custos e para o aumento da produtividade.

Em 2016, o principal objetivo das empresas continua sendo a redução de custos, conforme aponta 50% do empresariado, o que representa um ganho de importância de 7 p.p. em relação ao ano passado. **A importância da redução de custos como objetivo do investimento industrial tem crescido sistematicamente a cada ano desde 2014 e, em 2016, essa tendência se acentua ainda mais devido à crise econômica. Vale ressaltar que desde 2011 os empresários apontam a redução de custos como o principal objetivo do investimento na Pesquisa Fiesp. Isso demonstra que mesmo em anos de crescimento econômico positivo, o investimento industrial brasileiro dos últimos anos tem sido predominantemente defensivo e pouco expansivo devido a problemas estruturais como o Custo Brasil e os anos seguidos de câmbio sobrevalorizado.**

Complementarmente, a estratégia de ampliar a produtividade (eficiência produtiva) é apontada por 34% dos entrevistados como o segundo principal objetivo do investimento, repetindo a percepção dos dois últimos anos em que esse objetivo também esteve em segundo lugar de importância. O objetivo de aumentar o faturamento e/ou rentabilidade é que ocupa o terceiro lugar nos objetivos do empresariado, conforme apontado por 29%.

Os objetivos de ampliar a participação de mercado e adequar produtos para concorrência nacional e internacional são os que mais perdem importância na percepção dos empresários para 2016, caindo 8 e 9 p.p., o que é compatível com a perspectiva de queda acentuada do investimento neste ano.

Gráfico 5 – Objetivos do Investimento



Fonte: Pesquisa FIESP 2016 - Ideia Inteligência; Pesquisa FIESP 2015 - D'Fatto. Elaboração: Decomtec/FIESP

Quando questionados sobre a necessidade dos investimentos, a inovação ou melhoria de processos é apontada como a principal necessidade das inversões em 2016, por 35% do empresariado. A substituição de máquinas e equipamentos obsoletos para reposição e a aquisição de máquinas e equipamentos para ampliação da capacidade, são indicadas, respectivamente, como a segunda e terceira principais necessidades do investimento, por 25% e 23% do empresariado.

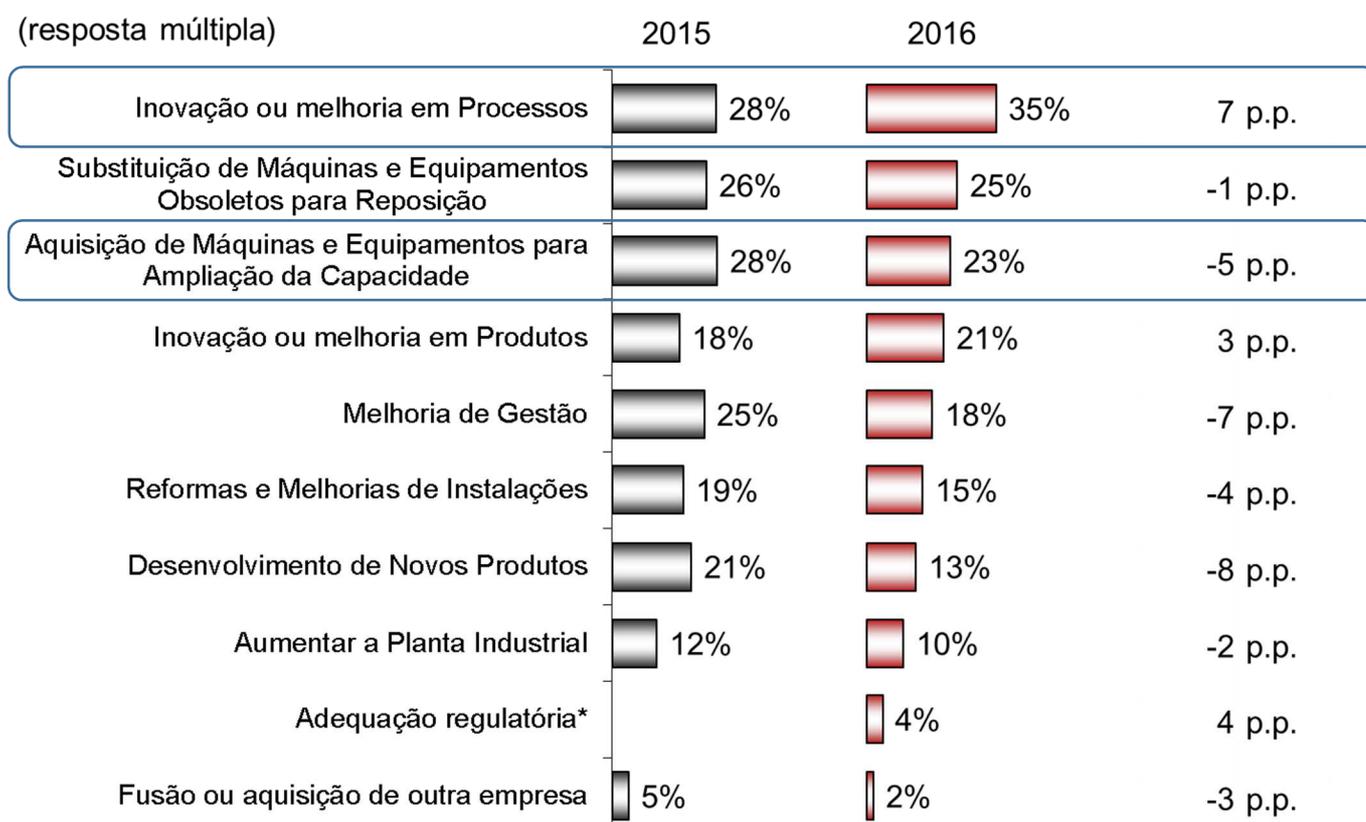
No ano passado chamou atenção o ganho de importância da melhoria em processos como necessidade do investimento e neste ano, sua importância cresce novamente, em 7 p.p. Isso evidencia a deterioração das perspectivas de demanda, em que o empresário não vislumbra uma melhora no curto prazo e busca ajustar os processos internos da empresa a fim de reduzir os custos de produção e melhorar a produtividade. A substituição de máquinas e equipamentos obsoletos também contribui para esses objetivos e é apontada como segunda necessidade mais importante.

Apesar de a aquisição de máquinas e equipamentos para ampliação da capacidade continuar como uma das principais necessidades do investimento em 2016, sua

importância relativa caiu na percepção do empresário, em 5 p.p. como reflexo do ambiente econômico desafiador.

O desenvolvimento de novos produtos, o aumento da planta industrial e a aquisição de outra empresa, que seriam necessidades típicas de um investimento expansivo, continuam classificados como menos importantes pelo empresariado, refletindo o ambiente econômico desfavorável que tem ameaçado os investimentos da indústria de transformação. **Verifica-se, diante disso, uma estratégia defensiva e centrada na eficiência produtiva, o que é característico de períodos recessivos em que o empresariado é obrigado a reduzir custos e modernizar seus processos produtivos a fim de pelo menos se manter no mercado.**

Gráfico 6 – Necessidades do Investimento



* Na Pesquisa de 2015 não havia a opção de adequação regulatória.

Fonte: Pesquisa FIESP 2016 - Ideia Inteligência; Pesquisa FIESP 2015 - D'Fatto. Elaboração: Decomtec/FIESP

As expectativas dos empresários se deterioraram, como reflexo da recessão econômica e da crise política. O setor industrial tem direcionado cada vez mais seus investimentos para redução de custos e ajustes de eficiência produtiva. O investimento expansivo, importante motor do crescimento econômico têm ficado em segundo plano.

Com relação aos limitantes do investimento, **o baixo crescimento da economia foi o segundo maior limitante das inversões no país no ano passado, representando a opinião de 33% do empresariado. Em 2016, esse percentual sobe para 35% e ultrapassa a elevada carga tributária em importância.** A elevada carga tributária costuma ser considerada o principal fator limitante ao investimento, contudo, fica em segundo lugar em 2016, caindo de 42% para 33% na opinião dos empresários, perdendo 9 p.p. de relevância.

Isso mostra a gravidade da retração econômica na percepção dos empresários, que chega a se sobressair em relação ao histórico entrave dos tributos. A retração de 3,8% esperada para a economia brasileira em 2016 reduz o investimento industrial pois a indústria projeta um cenário de queda de demanda e espera um baixo retorno.

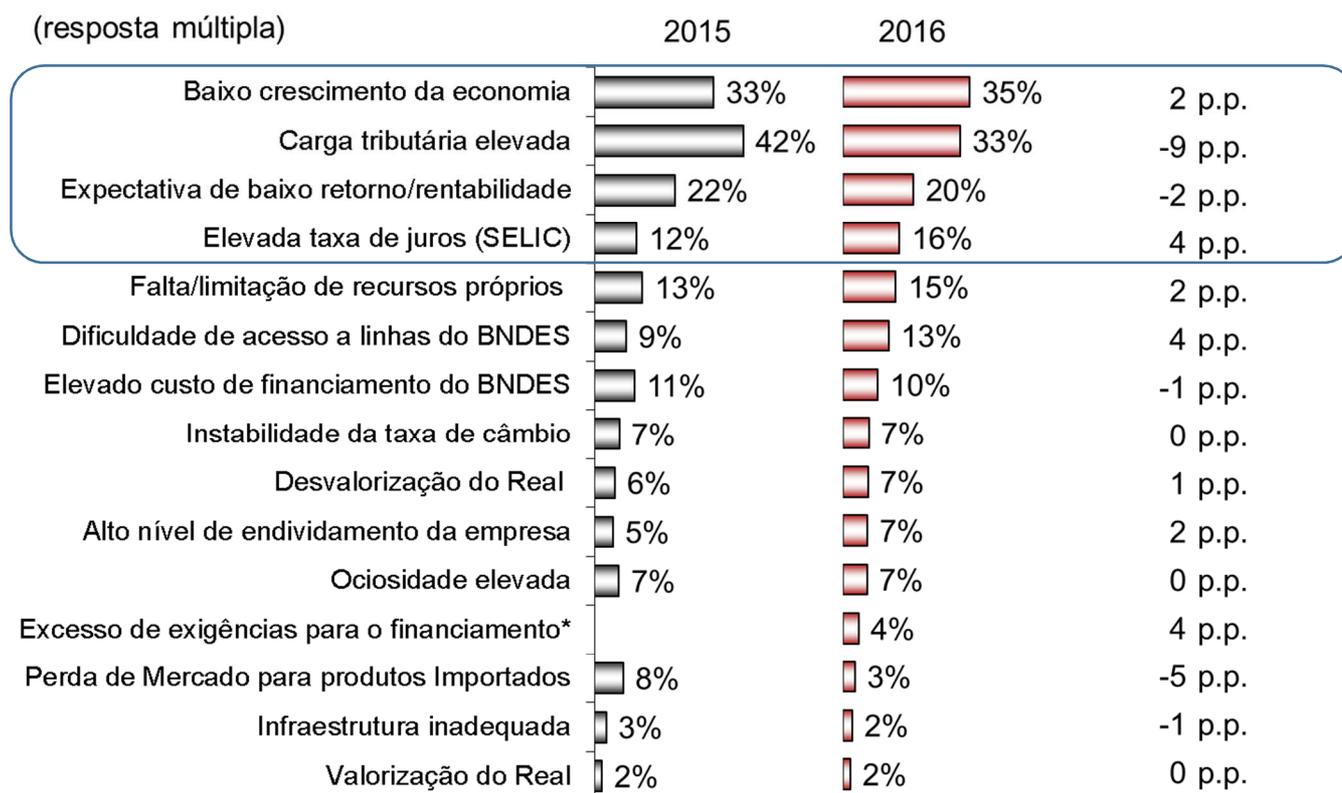
A expectativa de baixa rentabilidade continua como terceiro principal limitante ao investimento, representando a opinião de 20% do empresariado. Isso ocorre porque o investimento na indústria de transformação não tem superado a rentabilidade de aplicações financeiras mais conservadoras, cujos riscos são mais baixos. Com a taxa de juros (SELIC) mais alta, o diferencial de retorno do investimento industrial frente a esses investimentos financeiros se amplia. Em 2014, o retorno estimado da indústria de transformação correspondeu a 20% do retorno médio dessas aplicações financeiras (CDI).

A baixa rentabilidade do investimento industrial, na verdade, é um problema estrutural do Brasil. Esta tem representado, em média, 51% do retorno do investimento em renda fixa (2011 a 2014). A elevada taxa de juros da economia (SELIC) é um fator que contribui para esse problema e, por isso, também costuma ser apontada como importante limitante ao investimento pelo empresariado, representando em 2016 a opinião de 16% dos entrevistados, crescendo 4 p.p. em relevância.

Portanto, se o investimento industrial já enfrentava um ambiente hostil decorrente do elevado Custo Brasil e do câmbio sobrevalorizado por anos seguidos, o agravamento da crise econômica e política deste ano contribuem para as expectativas se tornarem mais pessimistas. Isso explica porque poucas empresas pretendem realizar investimentos em 2016. Como visto anteriormente, somente 27% dos entrevistados devem investir em 2016. Além disso, compreende-se porque as estratégias do empresariado se mantêm defensivas e estão voltadas especialmente para a redução de custos, conforme apontado pelos empresários.

Outro fator que merece destaque é a redução das empresas que apontam a perda de mercado para produtos importados como limitante ao investimento, que já caiu de 2014 para 2015 e caiu novamente de 2015 para 2016 (-5 p.p.). Isso pode estar relacionado tanto à desvalorização recente do real quanto à redução do consumo de importados como resultado da queda da demanda interna.

Gráfico 7 – Limitantes ao investimento



* Na Pesquisa de 2015, excesso de exigências para o financiamento foi abordado junto com dificuldade de acesso a linhas do BNDES.
 Fonte: Pesquisa FIESP 2016 - Ideia Inteligência; Pesquisa FIESP 2015 - D'Fatto. Elaboração: Decomtec/FIESP

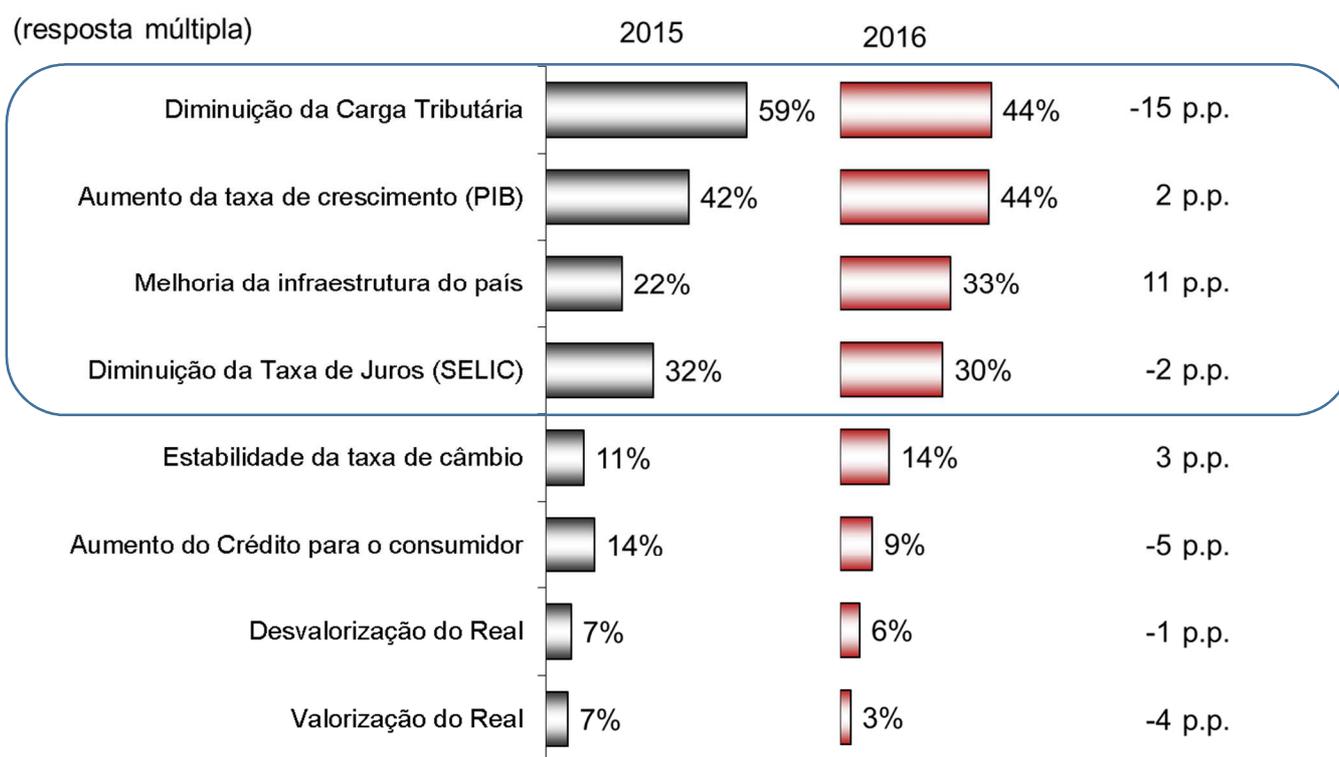
Como a elevada tributação e o baixo crescimento econômico são considerados os principais limitantes aos investimento da indústria, quando questionados sobre o que mais incentivaria o empresariado a ampliar seus investimentos, 44% deles apontou para a redução da carga tributária e também 44% apontou para o aumento da taxa de crescimento do PIB.

Chama a atenção, contudo, a queda de importância da redução da carga tributária como fator de estímulo ao investimento, perdendo 15 p.p. de relevância na percepção do empresariado neste ano. Essa queda de importância dá lugar ao crescimento de importância da melhoria da infraestrutura do país como fator de estímulo ao investimento. Enquanto 33% do empresariado aponta que a melhoria da infraestrutura seria um importante fator para incentivar o investimento

em 2016, 22% apontavam nessa direção no ano passado, ou seja, há um ganho de importância de 11 p.p.

O aumento da taxa de crescimento da economia como incentivo ao investimento também ganha importância de 2 p.p. em 2016. Num ambiente de crise, o que mais importa para o empresariado é a perspectiva de demanda que acompanha o crescimento da economia. Sem perspectiva de demanda, não há investimento.

Gráfico 8 – Fatores econômicos que contribuiriam para os investimentos



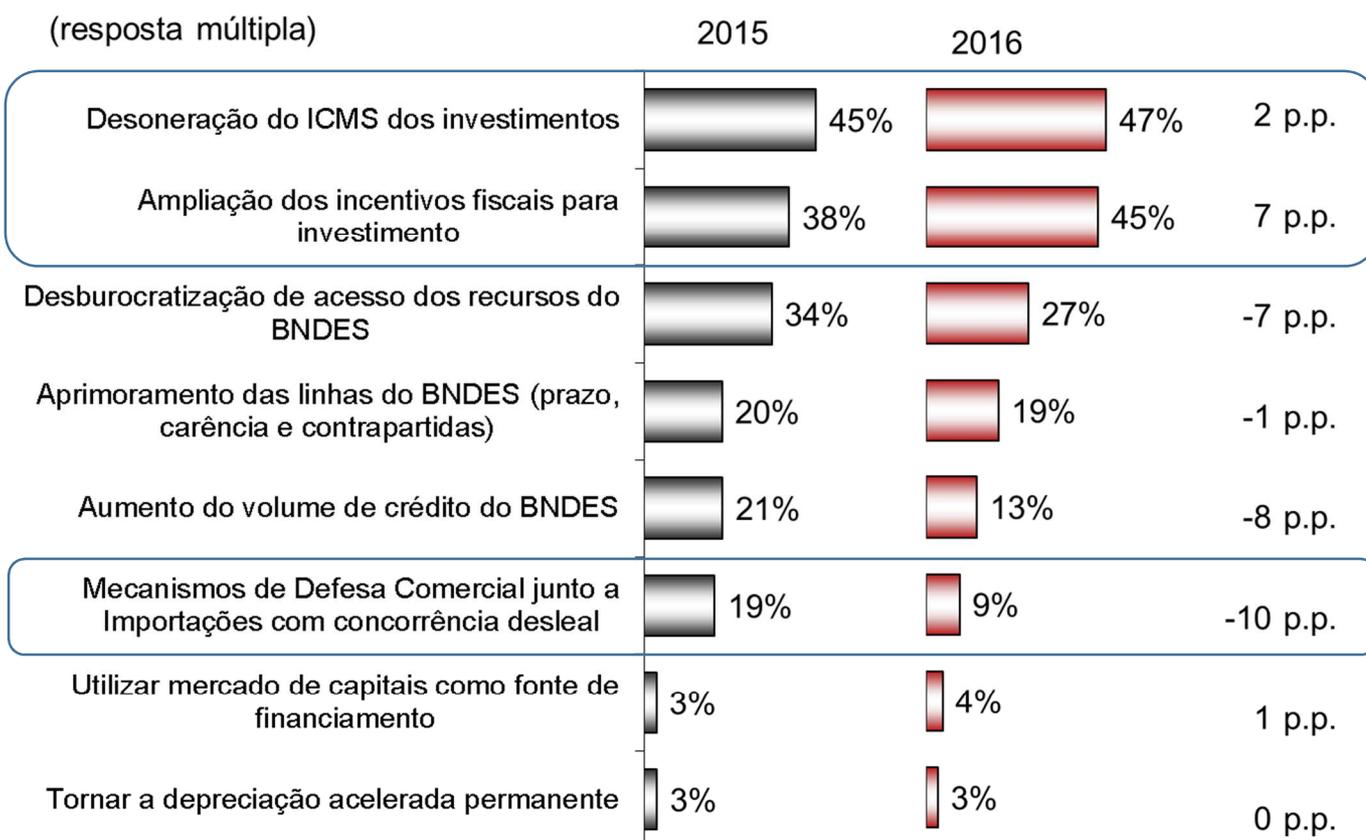
Fonte: Pesquisa FIESP 2016 - Ideia Inteligência; Pesquisa FIESP 2015 - D'Fatto. Elaboração: Decomtec/FIESP

Outro fator econômico que contribuiria bastante para a ampliação das inversões, conforme aponta 30% do empresariado, é a redução da taxa de juros SELIC. Não é novidade que as taxas de juros elevadas, como as que são praticadas no Brasil, além de reduzir o consumo, implicam em altas despesas financeiras, comprometem recursos que poderiam ser investidos pelas empresas e reduzem a atratividade do investimento industrial, dificultando ainda mais a recuperação econômica.

Quanto aos fatores específicos do investimento que poderiam contribuir para as inversões não há mudanças relevantes na percepção dos empresários. Destacam-se principalmente a desoneração do ICMS do investimento, apontada por 47% do empresariado e a ampliação dos

incentivos fiscais ao investimento, apontada por 45% dos empresários, conforme gráfico abaixo. A única mudança significativa de 2015 para 2016 é a queda de 10 p.p na importância de mecanismos de defesa comercial como importante fator de estímulo ao investimento. Essa queda provavelmente se relaciona a desvalorização do real que tornou as importações menos atraentes para o país, reduzindo a concorrência com os produtos brasileiros.

Gráfico 9 – Fatores ligados ao investimento que contribuiriam para os investimentos



Fonte: Pesquisa FIESP 2016 - Ideia Inteligência; Pesquisa FIESP 2015 - D'Fatto. Elaboração: Decomtec/FIESP

Dessa forma, se o país pretende voltar a crescer de forma sustentável, ou seja, pela via do investimento, é necessário reduzir os custos de produção que minam a competitividade da indústria brasileira. Isso somente será possível por meio de reformas que solucionem os problemas estruturais do Brasil, mas antes disso é preciso estabelecer uma agenda de curto prazo para saída da crise econômica e melhora da expectativas.

Nesse sentido, é urgente que o governo aponte para a solução do desequilíbrio fiscal. Reequilibrar o orçamento é condição fundamental para recuperar a confiança das famílias e empresas na viabilidade da economia brasileira, permitindo retomar o crescimento econômico e o emprego. No médio prazo, o governo precisa encaminhar reformas que equilibrem suas

despesas e receitas, lançando as bases para implementar mudanças capazes de reduzir o Custo Brasil e manter o câmbio em patamar competitivo.

3. Análise por porte

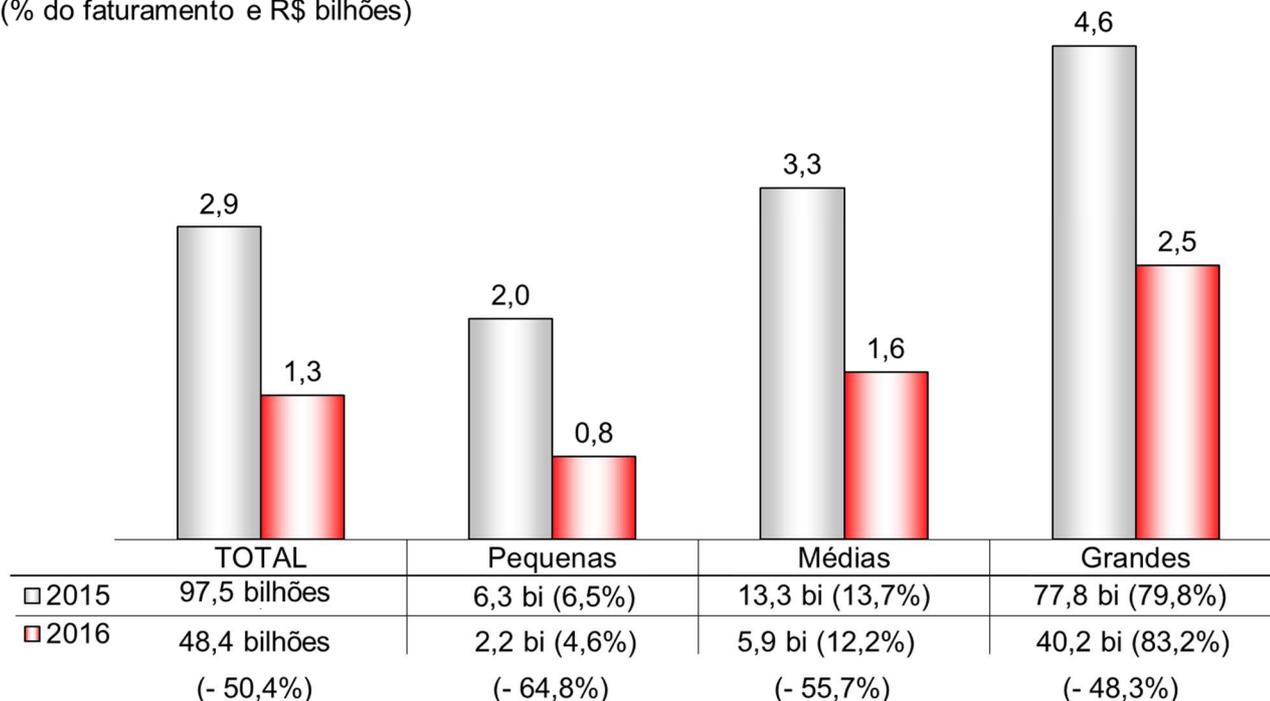
3.1. Intenção de Investimento em 2016

Diante do ambiente econômico recessivo, empresas de todos os portes deverão reduzir seus investimentos em capital fixo em 2016. As empresas de pequeno porte serão as que mais deverão reduzir suas inversões (64,8%), seguidas das empresas de médio porte (55,7%) e por último, pelas grandes empresas (48,3%).

Contudo, a redução do investimento total é explicada, em grande parte, pela queda do investimento das empresas de grande porte, uma vez que essas são responsáveis pela maior parcela do investimento. A participação das grandes empresas no investimento deverá se ampliar de 79,8% para 83,2%, aumentando a concentração do investimento. As empresas de médio porte reduzirão sua participação no investimento de 13,7% para 12,2%, e as de pequeno porte, de 6,5% para 4,6%, conforme o gráfico:

Gráfico 10 – Investimento médio em capital fixo por porte de empresa – 2015 x 2016

Investimento em máquinas, equipamentos e instalações
 (% do faturamento e R\$ bilhões)



Fonte: Pesquisa FIESP-Ideia Inteligência; Elaboração: Decomtec/FIESP.

Os resultados, portanto, evidenciam a estratégia defensiva de todos os portes de empresas, que diante da dificuldade do ambiente recessivo, reduzirão seus investimentos em capital fixo.

3.2. Origem dos Recursos para Investimento

O financiamento dos investimentos por meio de recursos próprios continuará, em 2016, sendo a origem de recursos mais relevante para todos os portes. As pequenas empresas são as que proporcionalmente mais dependerão dos recursos próprios para investimento em máquinas, equipamentos e instalações. A participação dos recursos próprios na origem dos recursos demandados para investimento pelas pequenas empresas será de 77% , nas médias e grandes empresas será de 74%.

Para todos os portes, de maneira geral, observam-se poucas mudanças em relação a origem dos recursos para o investimento de 2015 para 2016. As grandes empresas deverão ampliar a demanda por recursos públicos de 10% para 13% e as médias devem manter constante em 6% a demanda por esses recursos. As pequenas empresas, por sua vez, devem ampliar a demanda por recursos de terceiros em detrimento dos recursos públicos.

Tabela 2 – Origem dos Recursos para investimento em máquinas, equipamentos e instalações por porte de empresa

Origem dos Recursos	TOTAL		Pequenas		Médias		Grandes	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
Próprios	76%	74%	76%	77%	75%	74%	76%	74%
Terceiros	14%	14%	4%	9%	19%	20%	14%	13%
Públicos	10%	12%	20%	14%	6%	6%	10%	13%

Fonte: Pesquisa FIESP-Ideia Inteligência; Elaboração: Decomtec/FIESP

3.3. Estratégia das empresas por porte

De maneira geral, em 2016, haverá um aprofundamento das estratégias defensivas, dado o ambiente econômico recessivo, o baixo nível de confiança do empresariado e as expectativas de baixo retorno.

Contudo, na avaliação das estratégias e necessidades empresariais, é relevante diferenciar as estruturas empresarias especialmente ao tratar de uma investigação com foco na formulação de políticas que melhor atendam cada empresa. Uma aproximação possível dessas diferenças consiste na diferenciação dos portes, que será considerada nessa pesquisa.

3.3.1. Pequenas Empresas

O investimento das pequenas empresas em 2016 destaca-se por ter como principal objetivo a redução de custos, conforme apontado por 54% do empresariado, demonstrando aumento acentuado de importância (10 p.p.) em relação a 2015. Como segundo principal objetivo, destaca-se o aumento do faturamento e/ou rentabilidade, apontado por 32% dos entrevistados, o que é uma novidade em relação a 2015 e demonstra a preocupação com o baixo nível de faturamento e rentabilidade recente. A estratégia de ampliar a participação de mercado viria em terceiro lugar, sendo considerada por 23% do empresariado.

Para atingir tais objetivos, essas empresas apontam como principais necessidades a inovação ou melhoria de produtos e processos e a aquisição de máquinas e equipamentos, citadas respectivamente por 25%, 24% e 19% das empresas em 2016. **Isso evidencia que a estratégia defensiva por meio da redução de custos não é suficiente para as empresas de pequeno porte garantirem participação no mercado em um ambiente desafiador como da recessão atual, e que elas necessitam inovar seus produtos e processos para melhorar seu faturamento e a rentabilidade de seu investimento.**

A elevada carga tributária continua como principal limitante para os investimentos em 2016, citada por 36% do empresariado. Em segundo lugar e terceiro lugar como barreiras ao investimento continuam o baixo crescimento econômico e a expectativa de baixo retorno, correspondendo, respectivamente, a 26% e 25% da opinião do empresariado.

Quando questionadas sobre o principal fator sistêmico que contribuiria para o investimento, as pequenas empresas apontam para a redução da carga tributária. Em segundo lugar e terceiro lugar seriam a melhoria da infraestrutura do país e a redução da taxa de juros (SELIC).

Quanto aos fatores ligados ao investimento que mais contribuiriam para o aumento das inversões, a desoneração do ICMS dos investimentos, a ampliação dos incentivos fiscais para investimento e a desburocratização de acesso aos recursos do BNDES que já eram apontadas como mais importantes em 2015, continuam sendo em 2016.

Tabela 3 – Principais Estratégias das Pequenas Empresas 2015 x 2016

2015									
Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria			
						Fatores sistêmicos		Fatores de investimento	
Diminuir os Custos	44%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	27%	Carga tributária elevada	45%	Diminuição da Carga Tributária	63%	Desonerar o ICMS dos investimentos	44%
Aumentar participação de mercado	34%	Melhoria de Gestão	25%	Baixo crescimento da economia	30%	Aumento do crescimento da economia (PIB)	39%	Desburocratização de acesso aos recursos do BNDES	37%
Aumentar a produtividade (eficiência produtiva)	33%	Desenvolvimento de Novos Produtos	24%	Expectativa de baixo retorno	19%	Diminuição da Taxa de Juros (SELIC)	32%	Ampliação dos incentivos fiscais para investimento	34%
2016									
Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria			
						Fatores sistêmicos		Fatores de investimento	
Diminuir os Custos	54%	Inovação ou melhoria em Produtos	25%	Carga tributária elevada	36%	Diminuição da Carga Tributária	46%	Desonerar o ICMS dos investimentos	48%
Aumentar o Faturamento e/ou Rentabilidade	32%	Inovação ou melhoria em Processos	24%	Baixo crescimento da economia	26%	Melhoria da infraestrutura do país	41%	Ampliação dos incentivos fiscais para investimento	42%
Aumentar participação de mercado	23%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos para Ampliação da Capacidade	19%	Expectativa de baixo retorno	25%	Diminuição da Taxa de Juros (SELIC)	33%	Desburocratização de acesso dos recursos do BNDES	27%

Fonte: Pesquisa FIESP-Ideia Inteligência e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP.

3.3.2. Médias Empresas

As empresas de médio porte, assim como as pequenas empresas, têm como principal objetivo investir na redução de custos, conforme aponta 50% do empresariado. De 2015 para 2016, a estratégia do empresariado se concentra ainda mais na diminuição dos custos, crescendo 11 p.p. O aumento da produtividade, que no ano passado era considerado o segundo objetivo mais relevante pelos entrevistados, passa para terceiro lugar, mas continua importante de acordo com 29% dos entrevistados. O segundo lugar é ocupado pelo objetivo de aumentar o faturamento e/ou a rentabilidade, conforme apontado por 32% dos empresários. Esses objetivos demonstram a continuidade de uma estratégia predominantemente defensiva do investimento das médias empresas.

A percepção das empresas de médio porte é de que para alcançar esses objetivos será necessário investir na inovação ou melhoria de processos, de produtos e na aquisição de máquinas e equipamentos em ordem decrescente de importância, conforme apontam 34%, 22% e 21% dos empresários.

É importante destacar que a inovação ou melhoria de produtos não era apontada em 2015 entre as três principais necessidades do investimento, enquanto as necessidades de inovação ou melhoria de processos e aquisição de máquinas já estavam presentes. Desse modo, as médias empresas priorizam a melhoria nos processos internos como forma de reduzir custos, ampliar a produtividade e resistir ao mercado em crise, mas também reconhecem a importância de investir na inovação de produtos e na aquisição de máquinas e equipamentos para aumentar o faturamento.

Em 2016, os principais impeditivos para a realização de investimento pelas empresas de médio porte são os mesmos do ano passado. A carga tributária elevada continua como principal limitante ao investimento na percepção dessas empresas, conforme apontado por 37% do empresariado. O segundo principal limitante é o baixo crescimento econômico e o terceiro é a expectativa de baixo retorno, conforme 33% e 21% respectivamente.

Os principais fatores econômicos que estimulariam os investimentos em 2016 também são os mesmos de 2015: diminuição da carga tributária, aumento do crescimento econômico e redução da taxa de juros, conforme apontam 46%, 37 e 32% do empresariado, respectivamente.

Em relação aos fatores ligados ao investimento, as médias empresas também consideram mais importante desonerar o ICMS do investimento, ampliar os incentivos fiscais para investimento e

desburocratizar o acesso dos recursos do BNDES, conforme apontam 49%, 39% e 33% das empresas.

Tabela 4 – Principais Estratégias das Médias Empresas 2015 x 2016

2015									
Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria			
						Fatores sistêmicos		Fatores de investimento	
Diminuir os Custos	41%	Inovação ou melhoria em Processos	30%	Carga tributária elevada	43%	Diminuição da Carga Tributária	56%	Desonerar o ICMS dos investimentos	49%
Aumentar a produtividade (eficiência produtiva)	37%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	28%	Baixo crescimento da economia	35%	Aumento do crescimento da economia (PIB)	43%	Ampliação dos incentivos fiscais para investimento	39%
Aumentar participação de mercado	32%	Substituição de Máq. e Equipamentos Obsoletos	27%	Expectativa de baixo Retorno	23%	Diminuição da Taxa de Juros (SELIC)	33%	Desburocratização de acesso dos recursos do BNDES	33%
2016									
Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria			
						Fatores sistêmicos		Fatores de investimento	
Diminuir os Custos	50%	Inovação ou melhoria em Processos	34%	Carga tributária elevada	37%	Diminuição da Carga Tributária	46%	Desonerar o ICMS dos investimentos	49%
Aumentar o Faturamento e/ou Rentabilidade	32%	Inovação ou melhoria em Produtos	22%	Baixo crescimento da economia	33%	Aumento do crescimento da economia (PIB)	37%	Ampliação dos incentivos fiscais para investimento	48%
Aumentar a produtividade (eficiência produtiva)	29%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos para Ampliação da Capacidade	21%	Expectativa de baixo Retorno	21%	Diminuição da Taxa de Juros (SELIC)	32%	Desburocratização de acesso dos recursos do BNDES	24%

Fonte: Pesquisa FIESP-Ideia Inteligência e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP.

3.3.3. Grandes Empresas

Apontado por 50% das empresas de grande porte, a redução de custos também é identificada como o principal objetivo das grandes empresas em 2016. Como nos outros portes, para as grandes empresas também há ganho de relevância da estratégia de redução de custos em 6 p.p. O objetivo de aumentar a eficiência produtiva permanece como segundo principal objetivo do investimento das grandes empresas em 2016, de acordo com 38% das empresas e o aumento de participação dá lugar ao aumento faturamento e/ou rentabilidade, apontado por 28%.

Para atingir esses objetivos, as grandes empresas apontam como principais necessidades a inovação ou melhorias de processos (48%), a substituição de máquinas e equipamentos obsoletos (27%) e a aquisição de máquinas e equipamentos (24%) a fim de aumentar a produtividade e ganhar eficiência produtiva. A melhoria em processos que já era a principal necessidade na percepção das grandes empresas em 2015, ganha relevância de 5 p.p., evidenciando as dificuldades de se atingir ganhos de eficiência em um cenário econômico que continua se deteriorando.

Diante da perspectiva de queda na demanda em razão do ambiente econômico recessivo, a manutenção dos lucros e/ou mitigação de prejuízos das grandes empresas dependerá principalmente da redução de custos e da melhora na produtividade, o que deve se dar principalmente por meio da melhoria em processos, mas também pela substituição e aquisição de máquinas e equipamentos.

A despeito da reconhecida importância do baixo crescimento econômico como limitante do investimento para as pequenas e médias empresas, são as grandes empresas que consideram o baixo crescimento da economia como o principal limitante do investimento em 2016 à frente da elevada carga tributária. **A preocupação das empresas de grande porte com o crescimento econômico se mantém elevada, conforme 38% dos empresários. Como consequência, o crescimento do PIB é considerado o principal fator econômico que contribuiria para o investimento em 2016.**

Tabela 5 – Principais Estratégias das Grandes Empresas 2015 x 2016

2015									
Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria			
						Fatores sistêmicos		Fatores de investimento	
Diminuir os Custos	44%	Inovação ou melhoria em Processos	32%	Baixo crescimento da economia	37%	Diminuição da Carga Tributária	57%	Ampliação dos incentivos fiscais para investimento	45%
Aumentar a produtividade (eficiência produtiva)	41%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	31%	Carga tributária elevada	33%	Aumento da taxa de crescimento da economia (PIB)	47%	Desonerar o ICMS dos investimentos	42%
Aumentar participação de mercado	30%	Substituição de Máq. e Equipamentos Obsoletos	27%	Expectativa de baixo Retorno	28%	Diminuição da Taxa de Juros (SELIC)	30%	Desburocratização de acesso aos recursos do BNDES	29%
2016									
Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria			
						Fatores sistêmicos		Fatores de investimento	
Diminuir os Custos	50%	Inovação ou melhoria em Processos	37%	Baixo crescimento da economia	38%	Aumento da taxa de crescimento da economia (PIB)	48%	Desonerar o ICMS dos investimentos	47%
Aumentar a produtividade (eficiência produtiva)	38%	Substituição de Máquinas e Equipamentos Obsoletos	27%	Carga tributária elevada	31%	Diminuição da Carga Tributária	44%	Ampliação dos incentivos fiscais para investimento	45%
Aumentar o Faturamento e/ou Rentabilidade	28%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos para Ampliação da Capacidade	24%	Expectativa de baixo Retorno	18%	Melhoria da infraestrutura do país	32%	Desburocratização de acesso aos recursos do BNDES	27%

Fonte: Pesquisa FIESP-Ideia Inteligência e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP.

Assim como no resto da indústria, a elevada carga tributária também se destaca como limitante ao investimento, para 31% do empresariado das grandes empresas, e a expectativa de baixo retorno, para 18% dos entrevistados. Em paralelo, a diminuição da carga tributária continua sendo fator relevante que contribuiria para ampliação das inversões, conforme apontam 44%

dessas empresas e a melhoria da infraestrutura do país desponta como novidade entre os três principais fatores que contribuiriam para ampliar o investimento, segundo 32% do empresariado.

Quanto aos fatores ligados ao investimento que contribuiriam para as inversões das grandes empresas, a desoneração do ICMS dos investimentos é apontada como o principal fator, assim como nos demais portes. Além disso, a ampliação dos incentivos fiscais ao investimento e a desburocratização do acesso aos recursos do BNDES, seriam estímulos relevantes aos investimentos das empresas de grande porte, semelhantemente às pequenas e médias empresas.

Por fim, como o investimento das grandes empresas representa a maior parcela do investimento da indústria de transformação, são as grandes empresas que detém maior capacidade de influenciar no aumento da taxa de investimento industrial. Contudo, há expectativa de queda acentuada do investimento de todos os portes em 2016, inclusive das grandes empresas. Dessa forma, a gravidade da crise atual tem levado as empresas a abrirem mão de realizar inversões, o que contribui para dificultar a retomada de um ciclo de crescimento econômico e maior investimento no país.